

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 3, Set.-Dez. 2025
ISSN 2184-38052

LUGAR, FUTURO E CONTRA-FUTURO EM TEMPOS INCERTOS

PLACE, FUTURE AND COUNTER-FUTURE IN UNCERTAIN TIMES

LIEU, AVENIR ET CONTRA-AVENIR EN PÉRIODE D'INCERTITUDE

LUGAR, FUTURO Y CONTRAFUTURO EN TIEMPOS DE INCERTIDUMBRE

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

O problema que constitui este nosso texto centra-se na permanência de uma orientação antropocêntrica nos estudos sobre o lugar. Mesmo quando se utilizam abordagens relacionais ou processuais, o lugar tende a aparecer como contexto da experiência humana, como palco da ação social ou como suporte da construção identitária. Brode-Roger (29026) considera que esta perspetiva é insuficiente, porque reduz a complexidade do lugar à forma como ele é vivido, representado ou apropriado por pessoas e grupos. Para ultrapassar esse limite, devemos colocar uma pergunta diferente: como analisar o lugar como uma composição dinâmica de elementos materiais, ecológicos, sistémicos e preceptivos, sem o reduzir nem à experiência humana nem a uma rede abstrata de relações?

Assim, para a introdução deste Volume 8 Número 3 da Revista Todas as Artes, trazemos para a análise os contributos artísticos de Josèfa Ntjam¹⁾. A sua obra foi selecionada, por termos considerado que a mesma possui a capacidade de montar e narrar mundos alternativos, algo que vai ao encontro do propósito dos artigos que compõem este número e volume. Ou seja, ao invés de a mesma apenas retratar ou representar um tema, a artista constrói ecologias visuais e sonoras, onde os mitos, a noção de arquivo, a ciência e a imaginação especulativa ganham palco. O seu portefólio define a sua prática como uma *assemblage* de imagens, palavras, sons e histórias que servem para desmontar narrativas hegemónicas sobre origem, identidade e raça, reapropriar a História e imaginar espaços-tempos ainda não determinados, onde as identidades fixas deixam de operar.

¹⁾ Mais informações sobre a artista podem ser consultadas aqui: <https://ntjamjosefa.com/>

Uma dimensão fundamental do trabalho de Josèfa Ntjam situa-se no questionamento de lugar, pois este radica num pensamento moderno ocidental delimitador da natureza, da terra e do território como realidades passivas, disponíveis para classificação, uso, extração e controlo. Seguindo Haraway (1988), esta conceção está ligada a uma história longa de hierarquização epistemológica, colonialismo e exploração. O lugar, neste modelo, é transformado em recurso, cenário ou superfície administrável. Ao invés, defendemos que o lugar deve ser pensado como composição ativa de relações. Neste sentido, um dos primeiros conceitos que se destaca na obra de Ntjam, é o de fluidez. Na exposição e instalação designada *Futuristic Ancestry*, Josèfa Ntjam descreve os modos como considera que o trabalho artístico encara uma fluidez literal e metafórica, produzindo, assim, um campo de formas híbridas e diálogos entre referências culturais, políticas, espirituais e naturais. A figura de Mami Wata²⁾ aparece como uma metáfora de multiplicidade e como força que perturba os processos tradicionais e hierarquizados de identificação, impostos pelas estruturas de poder.

Recuperemos Brode-Roger (2026) quando propõe uma compreensão sofisticada da relação entre estabilidade e mudança. Para esta autora, o lugar não possui uma essência imutável, mas também não deve ser reduzido a movimento puro. A estabilidade existe, mas como efeito temporário de determinadas relações que permanecem alinhadas durante algum tempo. O que equivale a dizer que nenhuma lente, por si só, consegue revelar a complexidade total de um lugar. Cada perspetiva é parcial, situada e limitada. O alinhamento com a obra artística de Josèfa Ntjam é inelutável. Na sua obra, esta artista propõe um conceito original que desloca o estudo do lugar para além da experiência humana. Em segundo lugar, Josèfa articula estudos culturais, geografia, novo materialismo, pós-humanismo e teoria decolonial. Em terceiro lugar, propõe um modelo para representar relações sem impor hierarquias rígidas.

Josèfa Ntjam sugere uma mudança importante na forma de compreender o lugar. AS suas obras permitem analisar os lugares como configurações compostas por elementos humanos e não humanos, materiais e simbólicos, ecológicos e políticos, históricos e preceptivos. Na senda de Ingold (2011) e de Braidotti (2013), o lugar é, pois, uma formação dinâmica, marcada por continuidades, ruturas, tensões e possibilidades. A principal questão de Josèfa Ntjam é mostrar que pensar o lugar exige abandonar tanto a ideia de cenário passivo como a ideia de identidade fixa. O lugar é uma configuração viva, instável e historicamente situada.

²⁾ Mami Wata (Mãe d'Água) é uma poderosa divindade aquática adorada na África Ocidental, Central e Austral, e na diáspora. Frequentemente retratada como uma sereia ou uma mulher com uma serpente, simboliza a beleza, a fertilidade, a riqueza, mas também perigo. É uma figura complexa que representa a dualidade das águas, sendo cultuada tanto para cura quanto para proteção.



Figuras 1 e 2: Futuristic Ancestry – Warping matter and space-time(s)

Fonte: <https://ntjamjosefa.com/>

Voltemos à *Futuristic Ancestry* de Ntjam. Esta instalação transporta-nos para o conceito de afrofuturismo (Curti, 2019), sobretudo pelo facto de se tratar de uma concetualização que nos remete para a análise das interseções entre as culturas afro-diaspóricas, a tecnologia e a ficção científica, mas que também coloca as estéticas africanas no centro da civilização humana e move-se entre as magias e a tecnologia. Através de Curti (2019), argumentamos que esta criação de Josèfa Ntjam (Figuras 1 e 2) possui um alcance estético e ético que nos expede para uma utopia de futuros alternativos, cujo enquadramento é anti racial, ativista e feminista. Ao invocar elementos da ancestralidade dos países africanos e ao combiná-los com uma prática artística contemporânea, Josèfa foca-se no cerne das discussões atuais sobre ativismo e reivindicação de um lugar histórico que tem sido esquecido. A artista – e em relação ao conceito de afrofuturismo -, regressa do passado para reescrever o presente, perturbando o mundo em que vivemos e condicionando o futuro (Silva, 2007). Com efeito, o afrofuturismo apela a uma apropriação imaginativa do passado e à necessidade de uma crítica redentora do presente.

A partir de Butler (2021), o conceito de afrofuturismo pode ser entendido como uma diáspora transnacional e como uma visão cultural do mundo, que tende a interrogar o passado, o presente e o futuro, desafiando perspetivas eurocêntricas e normativas. Assim, através da leitura e interpretação da obra desta artista, apontamos para a necessidade de se analisar o conceito de afrofuturismo e de fabulação em articulação, uma vez que os mesmos apresentam inúmeras semelhanças, principalmente em termos de oferta de uma resposta científica que visa a agência e a autonomia destas comunidades africanas. Mais, Acuff (2019) refere que o conceito de afrofuturismo foi cunhado por Mark Dery em 1994, como uma forma de fazer referência à ficção especulativa que retratava temas da diáspora africana, tendo como mote a sua inserção nas tecnoculturas. Neste sentido, elencamos que obras como esta de Ntjam podem ser perspetivadas enquanto experiências afrodiáspóricas (Elia, 2014), seguindo a lógica de pioneiros como Jean-Michel Basquiat³).

Ao passo que também desafia a invisibilidade que ainda assola a comunidade de artistas negros, Josèfa acaba por retratar, de igual modo, o nosso clima social contemporâneo. Com efeito, este conceito também permite que se adote uma lente visual, na medida em que enfatiza o envolvimento com a peça artística de forma empática (Acuff, 2019), colocando a voz negra, muitas vezes marginalizada, no centro da narrativa do design, com a intenção de promover uma melhoria universal através da tecnologia e por meio dela (Winchester, 2018). Remontemos a Torres e Beck (2026). Com efeito, estes autores propõem uma reflexão particularmente pertinente, uma vez que interrogam a forma como as sociedades modernas procuram dominar o tempo através da produção, antecipação e gestão do futuro. Partem da tensão entre aceleração e desaceleração, ao passo que mostram que, apesar de frequentemente serem pensadas como temporalidades opostas, ambas partilham uma mesma orientação, nomeadamente a tentativa de controlar o futuro, torná-lo previsível e, por isso, governável. Assim, esta ideia de aceleração surge associada a uma lógica moderna de progresso, de inovação e de crescimento económico e tecnológico. Por outro lado, o conceito de desaceleração, embora se apresente como uma resposta crítica aos excessos da modernidade, nomeadamente no contexto da crise climática e do Antropoceno, continua a operar dentro de uma lógica de gestão temporal, procurando “salvar” o futuro através da modulação dos ritmos sociais.

³) Jean-Michel Basquiat (1960-1988) foi um pintor neoexpressionista norte-americano, tendo sido o primeiro afro-americano a fazer sucesso no campo das artes plásticas de Nova Iorque.

Mas mostram fundamentalmente a indissociabilidade dos elementos humanos e não humanos, dos constituintes materiais e simbólicos, dos componentes ecológicos e políticos, dos níveis históricos e perceptivos do lugar(es). Para além do lugar, Josèfa Ntjam recusa uma conceção linear, homogénea e fechada do tempo. Se a artista convoca ancestralidades, arquivos submersos, mitologias afro-diaspóricas e futuros especulativos para desorganizar as narrativas hegemónicas, Torres e Beck (2026) ajudam-nos a pensar criticamente os regimes temporais que estruturam essas mesmas narrativas. A proposta de Haraway, (2016) ou de Latour (2005) de tempos articulados ou de temporalidades-charneira, permitem compreender o futuro como um campo plural, composto por temporalidades sociais, ecológicas, culturais e políticas em tensão.



Figuras 3 e 4: RE/SISTERS: A lens on gender and ecology

Fonte: <https://ntjamjosefa.com/>

A instalação *RE/SISTERS* (Figuras 3 e 4) foi desenhada para pensar as ligações sistémicas entre a opressão das mulheres e a degradação do planeta, numa chave ecofeminista, decolonial e interseccional. A este respeito, Mollett e Faria (2013), ajudam-nos a perceber que esta criação retrata um campo histórico de violência, memória e resistência (Guerra, 2023a). No portefólio de Josèfa Ntjam, esta instalação emerge no quadro de uma fotomontagem/instalação alargada, designada por “Unknown Aquazone” (2020). Esta obra é descrita como um “aquário” onde a artista entrelaça o passado mítico e os futuros especulativos, ou seja, a mesma desenha uma mitologia afro-diaspórica de uma população subaquática descendente das mulheres africanas grávidas e que foram atiradas ao mar durante o tráfico atlântico. A água, aparece como uma espécie de arquivo colonial, mas também como um meio de sobrevivência e como um espaço de imaginação política (Guerra, 2023b). A este respeito Mollett e Faria (2013) argumentam que o género não pode ser pensado isoladamente, porque os corpos feminizados e racializados são produzidos dentro da mesma história que organiza território, extração, circulação e morte. Josèfa, ao combinar arquivos familiares, visões microscópicas de objetos e materiais orgânicos e ainda fotografias de revolucionários da independência dos Camarões, faz com que a ecologia surja como uma rede de relações entre corpos, memórias, luta política e formas de vida. Neste seguimento, Oliveira e Guerra (2023) convidam-nos a pensar sobre quem tem acesso, controlo e legibilidade sobre os recursos, os territórios e os próprios regimes de vida. Assim, Ntjam responde visualmente com a ideia de que os ecossistemas são inseparáveis das histórias de violência colonial e das resistências negras.

Note-se que Gorby (2026), também nos oferece uma análise densa sobre as raízes históricas da biopolítica e sobre as possíveis formas de resistência à contemporaneidade, regressando ao pensamento grego, para mostrar como a separação entre vida biológica e vida política. Assim, demonstra que esta divisão não é apenas filosófica, mas profundamente política, na medida em que determina que vidas podem ser reconhecidas como plenamente políticas e que vidas são remetidas para a esfera da sobrevivência, da domesticidade ou da exclusão. Também Guerra e Oliveira (2023) na análise da performance *Mimoso* de Juliana Notari colocam as questões em cena. Através da análise da performance de Juliana Notari, as autoras retratam a questão do corpo humano e não humano na história da repressão das sociedades. Por um lado, podemos vê-los como símbolos e materialidades de opressão, bem como os podemos entender como espaços de resistência - enquanto dotados de lógicas de re-significação dessas materialidades opressoras. Josèfa quase que desloca a discussão da biopolítica para o campo da antipolítica, entendida como uma prática de recusa, insubmissão e invenção de modos de vida não governáveis. A sua obra artística convoca formas de existência que perturbam fronteiras fixas entre humano e não humano, corpo e arquivo, passado e futuro, vida e política, e abrem espaço para imaginar comunidades, ecologias e temporalidades diversas e plurais.

Por tudo isto, parece-nos que este Volume da Revista *Todas as Artes* pode ser lido como um campo de interrogação do lugar como espaço fixo e imutável. Avança para os lugares e para as diferentes (em devir incessante) dimensões dos lugares. O primeiro artigo é o de Regina Andrade, Heloísa Ferraz Ayres, Roberto Souza e Silva, Fernando Ben, Adriana Matos e Camila Saraiva Nogueira – “Confiança e esperança em movimento: mulheres negras migrantes em diáspora e o papel do SUS no Brasil” -, e nele, a experiência migratória é pensada a partir dos significados psicossociais de confiança e esperança, tomando como foco mulheres negras e a diáspora no Brasil. Este artigo destaca a heterogeneidade linguística e cultural dos fluxos migratórios. Segue-se o texto ““El cuerpo del delito”. identidad y representación en la prensa musical” de Angels Bronsoms. Este artigo propõe uma leitura crítica da

representação da mulher na imprensa musical de 1980, a partir da análise de 35 capas de três revistas de rock — *Rolling Stone*, *New Musical Express* e *Vibraciones*. Situando o *corpus* num momento de modernização da indústria cultural e de transformação dos dispositivos mediáticos, o artigo mostra como essas capas reproduzem uma gramática visual androcêntrica assente na sexualização, no infantilismo e na objetificação.

Patrícia Marcondes Barros apresenta-nos o artigo intitulado “Entre a história e a literatura, “a poesia ocupando o espaço”: uma análise da poesia marginal através de Guilherme Mandaro” – onde revela como a poesia marginal é lida como forma de invenção estética e política situada nas margens dos cânones literários e editoriais. A partir da poética de Guilherme Mandaro e das experiências ligadas ao mimeógrafo, o texto evidencia como esta produção recusou hierarquias instituídas, aproximou arte e vida e respondeu ao contexto de repressão e esvaziamento cultural durante a ditadura. Já Débora da Silva Suzano e Ana Accorsi Miranda, em “Entre disputas institucionais e desigualdades culturais: coletivos de arte da cidade do Rio de Janeiro em leitura comparada”, reúnem – numa lógica comparativa – pesquisas empíricas sobre coletivos artísticos no Rio de Janeiro, interrogando as relações entre arte, política, território e institucionalização. Ao confrontarem experiências de áreas centrais e periféricas da cidade, as autoras mostram como variam as motivações, estratégias e desafios desses grupos, enquanto identificam pontos comuns decisivos, tais como a politização da arte.

O artigo denominado “Projeto Aurora: a implementação de oficinas artísticas junto de crianças e jovens em risco” da autoria de Ana Pacheco, apresenta uma investigação-ação desenvolvida no âmbito do Projeto Aurora, uma intervenção socioeducativa baseada em oficinas artísticas dirigidas a crianças e jovens em situação de acolhimento residencial. Centrado na promoção da aprendizagem socioemocional, o artigo descreve a implementação das oficinas, os instrumentos de monitorização criados e os resultados obtidos, sublinhando o potencial da integração das artes na construção de relações significativas. Pedro Alexandre Faria da Silva – “Burial – a trajetória musical e social de um artista singular na cena do *dubstep*” - dedica este artigo ao produtor inglês Burial, uma figura central da música eletrónica contemporânea e um nome incontornável da cena *dubstep* do sul de Londres. Cruzando dimensões musicais, sociais e espaciais, o texto começa por enquadrar as dinâmicas urbanas e socioculturais dessa cena para, depois, traçar um perfil singular do artista, atento ao seu anonimato, à sua ligação a Londres, ao seu uso do *sampling* e à forma como a sua obra se distingue pelo hibridismo de géneros como o *UK garage*, o *2-step*, o *jungle* ou o *ambient*.

Laura Di Mascio, com o artigo “Manuel Cargaleiro: a inesgotável riqueza da simplicidade”, propõe uma leitura da obra de Manuel Cargaleiro a partir do seu vínculo com a tradição têxtil portuguesa e do diálogo entre artes plásticas e artes decorativas. Tomando como ponto de partida três obras conservadas no Museu de Arte Contemporânea de Coimbra, o artigo acompanha a migração da modularidade da cerâmica para o têxtil e para a pintura, destacando a ligação entre arte e artesanato. Este Volume conta ainda com duas recensões críticas: a do livro “Estética investigativa: conflitos e comuns na política da verdade” de Lais Rabello de Andrade, que situa o livro no contexto contemporâneo de crise da evidência pública, proliferação de imagens técnicas e disputa política em torno da produção da verdade. Ao discutir conceitos como estética procedimental, infraestruturas de *sensing*, arquivo e comum agonístico, o texto evidencia o alcance crítico de uma metodologia que articula arte, investigação forense e práticas de leitura ativa do mundo. A outra recensão crítica de autoria de José Bola face ao livro “Neurotribes: the legacy of autism and the future

of neurodiversity” relê esta obra à luz dos debates contemporâneos sobre inteligência artificial, normalização cognitiva e mediação técnica da vida social. Mais do que uma simples apresentação historiográfica do livro, a recensão propõe uma reflexão sociológica sobre a forma como certas modalidades de cognição são tornadas legíveis, valorizadas ou desviantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acuff, J. B. (2020). Afrofuturism: Reimagining art curricula for Black existence. *Art Education*, 73(3), 13–21. <https://doi.org/10.1080/00043125.2020.1717910>
- Braidotti, R. (2013). *The posthuman*. Polity Press.
- Brode-Roger, D. (2026). Identity-of-place: A conceptual framework. *International Journal of Cultural Studies*, 1–18. <https://doi.org/10.1177/13678779261436049>
- Butler, P. (Ed.). (2021). *Critical Black futures: Speculative theories and explorations*. Springer Nature Singapore. <https://doi.org/10.1007/978-981-15-7880-9>
- Curti, L. (2019, September 14). *Afro-feminist journeys and the violence of the present*. Roots&Routes. <https://www.roots-routes.org/afro-feminist-journeys-and-the-violence-of-the-present-by-lidia-curti/>
- Elia, A. (2014). The languages of Afrofuturism. *Lingue e Linguaggi*, 12, 83–96. <https://doi.org/10.1285/i22390359v12p83>
- Gorby, P. (2026). Biopolitics and antipolitics in ancient Greek political thought. *European Journal of Social Theory*. <https://doi.org/10.1177/13684310261445003>
- Guerra, P. (2023a). Réquiem para Dois Rios: Contributos para uma discussão acerca do ativismo ambiental indígena e ecofeminista no Sul Global. Caiana. *Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte*, 22, 15–29. <https://caiana.caiana.com.ar/articulo/2023-1-22-a02/>
- Guerra, P. (2023b). Fanzines e (eco)feminismo: Além da Fortaleza do Antropoceno e do Faloceno. *Arte & Ensaios*, 29(45). <https://doi.org/10.60001/ae.n45.14>
- Guerra, P., & Oliveira, C. de (2023). Always So Mimoso: The re-signification of human and post-human bodies in the Global South. *The International Journal of Arts Theory and History*, 18(1), 39–57. DOI: <http://doi.org/10.18848/2326-9952/CGP/v18i01/39-57>
- Haraway, D. J. (1988). Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, 14(3), 575–599.
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Ingold, T. (2011). *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. Routledge.

- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford University Press.
- Mollett, S., & Faria, C. (2013). Messing with gender in feminist political ecology. *Geoforum*, 45, 116-125. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2012.10.009>
- Oliveira, C. de, & Guerra, P. (2023). Seguimos numa busca incessante por um lugar na história: Amuamas, Juliana Notari e ecofeminismo. *História da Historiografia*, 16(41), e1991. <https://doi.org/10.15848/hh.v16i41.1991>
- Silva, D. F. (2007). *Toward a global idea of race*. University of Minnesota Press.
- Torres, F., & Beck, H. (2026). Convergent futures: Time mastering in accelerating and decelerating temporalities. *European Journal of Social Theory*. <https://doi.org/10.1177/13684310261441785>
- Winchester, W. W., III. (2018, March 24). *Black Panther, engineering, and Afrofuturism*. African American Intellectual History Society. <http://www.aaihs.org/black-panther-engineering-and-afrofuturism>

Paula Guerra.

Professora associada de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: DIY, Alternative Culture & Society. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Citação:

Guerra, P. (2025). Lugar, futuro e contra-futuro em tempos incertos. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(3), pp.. ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n3nespa1>





